

## *Preconceito e democracia*

Esta palestra é organizada a partir de quatro palavras fundamentais: preconceito, mestiçagem, cultura e democracia.

O preconceito é um juízo sobre pessoas, idéias, grupos etc., baseado em impulsos irracionais e falsas noções, que são aceitos sem análise prévia. O grave é que uma vez instalado o preconceito se torna sentimento e convicção, encontra argumentos aparentemente racionais e passa a dirigir o comportamento e a maneira de ver o mundo. É uma mentira perigosa porque ganha aspecto de verdade e tem uma poderosa carga emocional, que arrasta as pessoas e até as nações, chegando a provocar catástrofes irremediáveis.

No entanto, inicialmente tudo não passa de uma discriminação em geral inofensiva do que é diferente. Por isso mesmo devemos nos fiscalizar a cada instante, para não escorregarmos da troça para a agressão, da implicância para o ódio. Vejamos alguns exemplos inócuos, mas que podem ser sementes de preconceito: “Menino, não faça isto - você está parecendo moleque de rua”. “Isto é coisa de baiano”. “Não venha com mineirice”. Até dentro das famílias podemos ouvir coisas como: “Coma direito: você está parecendo filho de tia Fulana”... Em todos esses casos há apenas afirmação daquilo que me caracteriza (classe social, naturalidade, maneiras) em relação ao que caracteriza outros grupos, e em detrimento deles. De fato a consciência da identidade implica necessariamente a verificação das diferenças, e o perigo está nesse caráter necessário, pois a medida que manifesto o auto-respeito e o apreço pelo meu grupo, tendo a valorizá-los em comparação a outros grupos. Se não valorizasse o que me caracteriza eu não teria razão para ser como sou. E, repito, aí começa o perigo.

Tomemos para exemplo o caso da religião. Se eu achar que todas elas são iguais, por que seguir a minha? Nesta etapa inicial, o que está em jogo é apenas o meu direito de escolha ou a minha fidelidade ao que aprendi, mas o preconceito pode estar se formando de maneira imperceptível. De fato, numa segunda etapa me inclinarei a dizer que escolhi a minha religião porque ela é a melhor. A terceira etapa seria dizer que as outras são ruins. A quarta, que por isso mesmo devem ser objeto de censura e restrição, e aí já começa o fanatismo. A quinta e última seria odiar os que seguem outra religião e achar que os seus adeptos devem ser perseguidos, expulsos, mortos. Uma cadeia de falsos raciocínios deste tipo pode causar, e tem causado, hecatombes através da história.

Um fato a registrar é que os preconceitos costumam ser recíprocos: os grupos se pagam na mesma moeda, mas as conseqüências são diferentes, porque os mais fortes podem esmagar os mais fracos, ou os mais afastados culturalmente. Vejamos alguns exemplos. No começo do grande movimento imigratório que trouxe tantos estrangeiros ao Brasil e transformou o nosso país, mais ou menos entre 1880 e 1920, os brasileiros tinham certos preconceitos em relação a eles; mas, simetricamente, eles também tinham preconceitos em relação aos brasileiros, que eram numericamente

muito mais fortes. No entanto, os dois lados tinham afinidades, que atenuavam a desconfiança recíproca. De fato, na maioria absoluta os imigrantes eram cristãos e pertenciam em grande parte ao universo das culturas mediterrâneas, além de serem indispensáveis para o desenvolvimento do país. Isto atenuou o preconceito e impediu que chegasse a extremos, servindo ao mesmo tempo para gerar uma tolerância recíproca que se estendeu aos imigrantes minoritários de outras origens e outras crenças. Um exemplo trágico, ao contrário deste, é o dos armênios, que formavam e formam uma minoria cristã na Turquia muçulmana, com origem étnica muito diversa e tradições culturais sem afinidade com as dos turcos, que praticaram contra ele um genocídio atroz no começo do nosso século. Mais sinistro ainda foi o caso dos judeus na Alemanha, onde eram pequena minoria, afastada do grupo dominante por uma crença que vinha sendo alvo de forte preconceito milenar, o anti-semitismo, que tem suscitado conseqüências terríveis e no nosso tempo teve a mais grave de todas, o Holocausto promovido pelo regime nazista, que se estendeu além das fronteiras alemãs e causou a morte de milhões de pessoas.

Conclui-se que a tensão entre os grupos, quando traduzida pelo preconceito, pode se equilibrar mais ou menos, ou pode gerar desequilíbrios. E é preciso assinalar que há preconceitos de toda a natureza, embora os mais perigosos sejam de natureza étnica ou religiosa. Assim, pode haver preconceito até no nível da arte e da literatura, provocando mutilações espirituais e até sofrimento físico, como foi o caso das discriminações sofridas na Rússia de Stalin pelos pintores abstratos ou pelos artistas de vanguarda na Alemanha de Hitler.

Todos esses casos são de preconceito que se poderia qualificar de “assimétrico”, porque um lado predomina sobre o outro, de maneira que mesmo quando este retribui o preconceito, não tem possibilidade de exercer sobre o dominante a pressão que sofre dele. E isto nos traz ao problema que interessa hoje: o caso do preconceito que existe no Brasil em relação às chamadas “pessoas de cor”.

Em nosso país afirma-se oficialmente e correntemente que não há tal coisa. Mas isso não passa de um disfarce ideológico da realidade, uma cortina de fumaça denominada “democracia racial”, na qual muita gente acredita piamente. O resultado é que não se toma consciência do que existe de fato e esta inconsciência de boa fé permite a discriminação disfarçada, que no entanto mostra as garras a toda a hora, tornando-se aberta e agressiva na proibição do uso de elevador social, da habitação em certos prédios, da entrada em restaurantes e boites. O resultado prático é intimidar as pessoas consideradas de cor e levá-las a se conformarem, obedecendo espontaneamente aos ditames do preconceito que as agride. Por isso, é importante em nossos dias a mudança de atitude dessas pessoas, que têm passado cada vez mais da atitude resignada à reivindicação, à afirmação da sua peculiaridade, à luta para fazer reconhecer o seu estatuto de cidadãos iguais aos outros. Antes de discutir isso, direi alguma coisa sobre as condições raciais do Brasil, escolhendo para esse fim o fato da mestiçagem.

Como todos sabem, aqui, ao contrário dos Estados Unidos, a definição de negro depende muito da tonalidade da pele e do nível social e cultural. Lá, quem tiver

uma porcentagem mesmo pequena de sangue negro é considerado negro, e algumas constituições estaduais chegavam a determinar a proporção. No Brasil nunca houve definição legal, mas há uma espécie de pacto tácito, mediante o qual as pessoas de cor menos escura e bem realizadas podem ser consideradas brancas. De modo que as estatísticas são irreais, pois um médico quase negro será recenseado como branco, enquanto um operário quase branco poderá ser recenseado como “pardo”. O interessante é que mesmo assim, mesmo com todos os disfarces e atenuações, as estatísticas mostram que mais de 50% da população brasileira é “de cor”, isto é, composta de negros, mulatos, cafusos, caboclos de vários tons, de tal modo a podermos dizer que a proporção é bem maior, pois muitos de nós que pertencemos a famílias de origem européia, mas radicadas aqui há bastante tempo, devemos ter algum sangue negro nas veias. Sendo assim, a discriminação se torna ridícula além de odiosa, porque no fundo é um ato de cuspir para cima.

O fato da sociedade reconhecer como brancos um grande numero de pessoas, que nos Estados Unidos seriam consideradas negras, é geralmente considerado prova de ausência de preconceito, mas a meu ver é o contrário. Por que? Porque ao aceitar que a considerem branca a pessoa de cor está sendo obrigada a renegar a sua condição étnica, isto é, a negar uma parte essencial do seu ser. Trata-se, portanto, não de um fato positivo mas monstruosamente negativo, pois importa em fazer as pessoas de cor aceitarem o juízo deprimente que ser negro é ruim e ser branco é bom. Para efetuar a passagem da linha de cor, o negro e o mulato devem submeter-se a uma escolha, aceitar que os admitam como favor num universo de onde os seus semelhantes são rejeitados. E o mais grave é que os que passam a linha de cor perdem consciência da sua identidade e manifestam o mesmo preconceito em relação aos que não a transpuseram. Trata-se, pois, de uma mutilação ontológica, uma mutilação do ser, brutalmente imposta e passivamente aceita.

Além disso, é também uma mutilação sociológica, acarretando perdas irreparáveis para o grupo de cor, um esvaziamento da sua riqueza e das suas possibilidades, pois os que são mais capazes passam a ser considerados e a se considerarem brancos, contribuindo inconscientemente para firmar a idéia de que os negros e mulatos são inferiores. Imaginemos como seriam a situação e as avaliações se as figuras que vou enumerar como pequena amostra se considerassem como pessoas de cor que realmente eram e agissem como tais: o barão de Cotegipe, os viscondes de Inhomirim e Jequitinhonha, o marquês de Bonfim, Machado de Assis, Teodoro Sampaio, Carlos Gomes, Juliano Moreira, o presidente Campos Sales, Nilo Peçanha, Oliveira Viana, Mário de Andrade, Jorge de Lima, Ciro dos Anjos etc.

A situação é grave, portanto, porque se baseia numa distorção histórica que leva um país de mestiços a comportar-se com base num preconceito que desqualifica a sua própria natureza. Por isso, é bom pensar um pouco de que maneira o Brasil ganhou consciência da sua realidade racial.

Em primeiro lugar ocorreu o mero *reconhecimento* da mestiçagem como traço característico do nosso povo. Em seguida, ocorreu a *avaliação* da mestiçagem. Finalmente, a *afirmação* do papel do negro e do mestiço na cultura brasileira. A matéria é

vasta e por isso escolherei três momentos, representados por três pensadores: Sílvio Romero, Manuel Bonfim e Gilberto Freire.

Creio que Sílvio Romero foi o primeiro a afirmar que a base da civilização no Brasil foi a mestiçagem, tomada por ele no sentido amplo de mistura racial e mistura cultural. Segundo ele todo brasileiro é mestiço, seja no sangue, seja no espírito porque a influência africana foi o fator diferencial decisivo. Num brasileiro, disse ele, o que houver de diferente do português é devido ao negro, ao qual tomamos costumes, lendas, comidas, hábitos, dinâmica corporal, isto é, tudo aquilo que tece a vida quotidiana. Ele disse essas coisas desde o seu tempo de estudante em Recife, nuns artigos de meados do decênio de 1870, que reuniu no livro *A literatura brasileira e a crítica moderna* (1880), desenvolvendo a seguir as suas idéias na introdução e vários trechos da *História da literatura brasileira* (1881).

Mas veja-se como o erro pode coexistir com a verdade: seguindo a ciência do seu tempo, sobretudo o evolucionismo, Sílvio Romero aceitava como coisa certa que havia raças congenitalmente superiores e inferiores. Para essa corrente o negro era inferior, e portanto ele também pensava assim. Daí uma conseqüência preconceituosa do seu ponto de vista basicamente correto, a saber: o Brasil só encontraria o seu destino histórico quando a mistura racial fosse bastante intensa para dissolver a raça negra na raça branca, fazendo desaparecer os traços africanos nas pessoas, o que seria devido inclusive ao desenvolvimento da imigração. É a teoria do “branqueamento”, ou da “arianização”, que causou tantos equívocos e atrasou a análise correta da realidade. E o mais interessante é que Sílvio se considerava isento de preconceito, pois para ele este consistia em esconder a realidade, isto é, que o Brasil é um país mestiço.

Ao contrário de Sílvio Romero, Manuel Bonfim, no seu livro *A América latina* (1905), deslocou para a organização social e política a análise dos males da sociedade brasileira. Segundo ele, estes eram devidos, não à mistura racial, mas aos vícios de organização vindos da Colônia, sobretudo o parasitismo econômico gerado pela escravidão. Indo mais longe, ele assume posição corajosa e lúcida ao dizer que longe de ser inferior o mestiço não possui qualquer traço negativo congênito, pois como não há raças inferiores, a mistura não degrada. A posição de Manuel Bonfim, num tempo em que a inferioridade racial era tida como verdade científica, é mais correta que a de Sílvio Romero. Embora não tenha repercutido na época, ela abriu uma perspectiva que seria fecundada pelos estudos posteriores de sociologia e antropologia, depois de um período em que predominou o racismo, visível na obra de Oliveira Viana, caso bem típico do que ficou dito antes, pois era mulato e assumia uma atitude de preconceito.

Último exemplo é Gilberto Freire, no clássico *Casa grande e senzala* (1933), que completou o processo de esclarecimento, porque graças ao poder expressivo deste livro ele tornou convicção geral o que era noção restrita. Depois dele não foi mais possível duvidar do que dizia Sílvio Romero, isto é, que o negro teve papel decisivo na formação do Brasil e na própria natureza da sociedade e da psique brasileira. Gilberto Freire convenceu a todos que a inferioridade racial é um mito e deslocou definitivamente a análise da raça para a cultura, isto é, a civilização material e espiritual de

cada povo. E não esqueçamos que foi ele quem organizou o 1º Congresso Afro-brasileiro, em 1934, na cidade do Recife.

Insisti na mestiçagem porque é um ângulo possível para debater alguns aspectos do problema do negro no Brasil. Agora passarei a outro tópico, que pode ser formulado assim: sendo o Brasil um país na maioria negro e mestiço, como se situaram os negros e os mestiços no terreno da cultura intelectual e artística? A primeira verificação a fazer é que, em virtude do que indiquei antes, isto é, que aqui o negro e o mestiço são admitidos às esferas dominantes por uma espécie de convenção, que inclui alguns indivíduos e exclui outros, a tendência normal de negros e mestiços é deixar de lado as tradições africanas para se ajustarem plenamente à cultura ocidental, que é predominante, porque foi trazida e imposta pelo colonizador. Mas há também, sobretudo em nosso tempo, os que procuraram conservar e praticar aquelas tradições, trazidas pelos escravos e proscritas durante tanto tempo por meio de repressão ou chacota. Vejamos inicialmente o primeiro caso, isto é, dos que se inscrevem na cultura dominante. Neste grupo podemos distinguir os que passam a linha de cor e são considerados brancos, como Machado de Assis. Em seguida, os que se consideram e são considerados negros, mas manifestam a mesma identificação à cultura dominante, como Luís Gama e Cruz e Sousa. Finalmente, os que embora assimilados a esta, assumem uma atitude de rebeldia no terreno cultural e social, como Lima Barreto.

A pergunta básica é a seguinte: será que o fato de ser negro ou mulato influi na maneira dos escritores identificados à cultura dominante (como os quatro citados) escreverem e verem o mundo? Creio que sim, apesar da cultura dominante não os analisar neste sentido, pois não percebe os sinais evidentes de crítica, combate, emulação devidos à marginalização efetiva ou potencial decorrente da cor.

Machado de Assis poderia ser hoje considerado negro, devido ao movimento de afirmação dos negros em nosso tempo. Mas no seu ele se integrou à sociedade como branco. No entanto, a sua obra é marcada por uma incrível força corrosiva em relação às convenções e aos costumes, inclusive os das camadas dominantes, que desmascarou mais do que ninguém, mostrando, com ar de quem não quer, a sua mesquinharía e o mecanismo dos interesses inconfessáveis. Penso que esta atitude tem a ver com o fato de ser ele mulato, sendo uma forma implícita de rebeldia, porque, mesmo trabalhando em filigrana, abre brechas no muro dos valores que as camadas dominantes impuseram. É certo que Machado de Assis procurava disfarçar o mais possível a sua qualidade de mulato, mas não obstante pode ter extraído dessa circunstância a sua virulenta mirada crítica, porque tinha a dolorosa consciência dos que são ou temem ser rejeitados, o que pode gerar uma grande clarividência. Mesmo considerado socialmente branco e não se identificando ao grupo de cor, poderia ter sentido o que a cor costumava motivar de discriminação humilhante, e isso deve ter contribuído para fazê-lo denunciar a sociedade do seu tempo de maneira tão sutil quanto demolidora.

Já Luís Gama é um exemplo da resistência consciente e organizada daqueles que, mesmo integrados na cultura dominante e não a questionando, passam ao ata-

que direto. Tendo sido escravo, foi um dos que mais contribuíram para a luta dos negros, não apenas pela militância contra a escravidão, mas pela poesia desmistificadora. A ele devemos uma visão até hoje insuperada da verdadeira natureza racial da nossa sociedade, na qual a “brancura” é um traço convencional destinado a distribuir hierarquicamente os indivíduos e grupos segundo as conveniências da dominação política e econômica. Isso está expresso no seu famoso poema “Quem sou eu?”, mais conhecido como “A bodarrada” no qual mostrou a extensão real da mestiçagem e seus disfarces, questionando a fundo a ideologia da “brancura”. Trata-se não apenas de um dos mais altos poemas satíricos da nossa literatura, mas de um exemplo de literatura como arma de combate. É um dos momentos importantes da nossa história mental, porque realiza o que se poderia chamar de “inversão de sinais”, ou seja: em lugar da troça ser feita pelo branco contra o negro, que é um dos elementos centrais do humorismo racista, ele estabeleceu com extraordinária graça e sarcasmo a troça feita pelo negro contra o branco. É pois uma verdadeira poesia na contramão, que além disso não constitui deformação caricatural, como pode parecer à primeira vista, mas expressão da realidade por meio do humor.

O caso de Cruz e Sousa é diferente, pois ele é um negro sem rebeldia aparente, além de perfeitamente integrado, como grande poeta, no universo da cultura dominante, da qual foi uma das mais altas expressões. Tanto assim que Roger Bastide pôde escrever que ele forma com Stéphane Mallarmé e Stefan George a grande tríade do simbolismo. Onde está então a influência da sua qualidade de negro? Está no que se pode chamar de “consciência de emulação”, isto é, a decisão de mostrar que um filho de escravos podia fazer tão bem quanto os escritores da cultura dominante, no seu próprio universo expressivo. Cruz e Sousa não demonstrou de fora para dentro a capacidade da sua raça, como Luis Gama, mas de dentro, do âmago da cultura dominante. Graças a ele, um membro da raça considerada inferior mostrou que era tão capaz de atingir a grandeza literária quanto os membros mais dotados da raça considerada superior.

Lima Barreto, já em nosso século, foi um caso especial, porque, ao contrário dos anteriores, tinha uma posição de corte mais radical. De fato, ele criticava não apenas a situação do negro, mas também o regime político, pois tinha simpatias para o lado do anarquismo e via não apenas o preconceito racial, mas também as injustiças da organização social, que atingiam a todos os pobres e espoliados. No seu caso, temos um exemplo de militância contra o preconceito associada ao radicalismo político o que seria uma das tônicas importantes do movimento negro em nossos dias. No domínio da literatura, Lima Barreto se caracterizou pela irreverência e o desmascaramento das posições estabelecidas. Assim, não apenas mostrou a luta inglória de jovens mulatos em face da discriminação, mas acentuou o ridículo dos figurões, a crueldade da política, a hipocrisia do jornalismo. E fez tudo isso afirmando a sua condição de “homem de cor”, não de quem quer passar a linha de segregação. Fez também questão de criar um estilo folgado e irregular, freqüentemente descuidado, que é uma crítica implícita à mania gramatical das elites, mania de pureza lingüística que naquele tempo era um timbre de nobreza da mentalidade acadêmica.

Em todos esses casos, podemos ver conseqüências do fato desses escritores serem “de cor”, cada um deles manifestando a sua capacidade de fazer tão bem quanto o branco. Ora, isto é um modo peculiar e muito eficiente de resistir, pois, como dizia Franz Fanon, para vencer o dominador é preciso dominar o seu saber e as suas técnicas.

Agora tocarei brevemente num outro ponto: o esforço do negro, não apenas para mostrar a sua capacidade na esfera da cultura dominante, mas para preservar e cultivar as raízes culturais africanas, lutando arduamente contra as restrições e proibições feitas pela administração, a polícia e a religião católica. Sabemos, que apenas em nossos dias os afro-brasileiros puderam cultivar livremente as suas tradições espirituais, que antes eram consideradas manifestações de bruxaria a serem abolidas. Refiro-me à luta para manter e praticar os usos, as crenças, a música, a dança, as narrativas ficcionais herdadas da África, e fazer com que a sociedade dominante as reconheça e aceite. O fato dos traços culturais afro-brasileiros serem hoje em dia admitidos por grande número de brancos significa uma inversão do processo que predominava tradicionalmente, pois os negros podem não apenas cultivá-los, mas vê-los respeitados.

Não insistirei neste aspecto, porque estamos num centro que procura justamente preservar tradições afro-brasileiras, e todos sabemos que a cultura média do brasileiro de todas as origens é enxarcada de elementos de origem africana. A este propósito, quero fazer uma reflexão final, para a qual o conceito citado de Franz Fanon pode servir de base justificativa.

O interesse e o respeito pela contribuição das culturas de origem africana, assim como o esforço para preservá-las, são fatos importantes em nosso tempo. Mas certos militantes negros parecem às vezes desejar uma volta absoluta ao passado africano, como se a justa reação contra o preconceito de que são objeto devesse motivar uma opção pelas culturas ancestrais, com rejeição simultânea da cultura de tipo ocidental que caracteriza o Brasil, como foi plasmado pela colonização e pelas correntes imigratórias seguintes.

Ora, esta tendência pode ser perigosa, porque, levada às últimas conseqüências, importaria em favorecer o preconceito, pois no limite o resultado (que menciono com exagero, para argumentar) seria renunciar à ciência, a técnica, ao saber de modo geral, isto é, àquilo que assegura a dominação política e econômica e, portanto, os controles da sociedade, que ficariam inteiramente na mão dos que são considerados brancos. A orientação certa é a dos que procuram preservar as tradições, mas ao mesmo tempo integrar o negro normalmente na cultura dominante, que recebemos do colonizador e que dá e deve dar a tônica da nossa vida social e espiritual.

Portanto, o importante é dignificar as culturas africanas como modos de ser e de viver abertos não apenas aos grupos chamados de cor, mas eventualmente a todos os brasileiros, como componente de uma pluralidade que no futuro poderá dar frutos. É impossível prever, mas é legítimo imaginar. Imaginemos que num universo livre de preconceito as tradições africanas poderiam combinar-se de maneira salutar com as linhas da cultura dominante. O resultado poderia ser (quem sabe?) a humani-

zação da chamada civilização ocidental, - a mais predatória, a mais espoliadora, a mais destruidora e, ao mesmo tempo, a mais eficiente e flexível que a humanidade conheceu. É inestimável o que as tradições culturais africanas poderão trazer, não como algo exclusivo e excludente, limitado a uma parcela da população, o que daria lugar a uma cultura encasulada mas como componente humanizadora da cultura de todos nós.

Para isso é necessário acabar com o preconceito contra o negro, pois no Brasil isto é condição para a realização plena da vida social e cultural, sendo que o primeiro passo é pôr de uma vez de lado a hipocrisia ou a falta de percepção, reconhecendo que o preconceito existe. E está claro que sem a supressão dele não poderá haver democracia real, porque democracia pressupõe a igualdade de direitos e de oportunidades, a fim de dar a cada um a possibilidade de construir a sua vida conforme as suas capacidades. É preciso, portanto, que todos se convençam de que sem o fim do preconceito não haverá verdadeira vida democrática no Brasil.

É isto que eu queria lhes dizer, e o faço em homenagem ao Centro Chico Rei e seus dedicados dirigentes, que tanto têm trabalhado pela cultura brasileira no melhor sentido, lutando pela preservação do nosso legado popular e levantando a bandeira do negro, visto como protagonista essencial da nossa história. Ao fazer isto o Centro Chico Rei não está apenas defendendo o negro: está defendendo o Brasil e a democracia.